

Editorial

Por Clayton Policarpo¹ e Fabrício Fava²

Com o tema “Interação Humano-Animal-Computacional”, a edição 22 da *TECCOGS* propõe abordar novas formas de interação e cooperação interespecies. As primeiras décadas do século XXI têm sido atravessadas pela emergência de uma série de estudos interdisciplinares que avaliam o potencial de agência, direito e bem-estar dos animais não humanos. Diante da urgência em revisar um excepcionalismo do sujeito humanista, os estudos que exploram noções de animalidade se mostram fundamentais na construção de um pensamento crítico acerca do humano e das relações construídas *com, para e por* animais não humanos.

O filósofo René Descartes, em seus escritos que datam do século XVII, negou sistematicamente a consciência a seres não humanos. Para Descartes, apenas a espécie humana, a única dotada de alma, poderia se qualificar como consciente. Ainda que tenham tomado uma parte nas discussões éticas do último meio século, os animais permaneceram durante muito tempo como autônomos dominados pelo instinto, desprovidos de qualquer experiência ou intencionalidade. As ações por eles desempenhadas pareciam-nos restritas a comportamentos estritamente objetivos – processos químicos, funcionamento mecânico, processamento de informação.

Essas determinações da essência humana em oposição ao animal, conforme aponta Donna Haraway, são uma maneira do humano afirmar a sua própria excelência ao promover o empobrecimento ontológico de formas de vida que não podem ser seus próprios fins ou saber de suas próprias condições. Os estudos recentes que se ocupam

1 Doutorando e mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, PUC-SP. Professor temporário da graduação em Artes Visuais, ECA-USP. Integrante dos grupos Transobjeto (TIDD/PUC-SP) e Realidades (ECA-USP). CV Lattes: lattes.cnpq.br/8801492560768204. E-mail: clayton.policarpo@gmail.com.

2 Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Pesquisador integrado do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS), Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. CV Lattes: lattes.cnpq.br/7688490681969054. E-mail: ffava@fba.up.pt.

da experiência animal buscam romper uma noção iluminista e, a partir da destituição da concepção de instinto como mero automatismo, evidenciam outro modelo de experiência, subjetivamente diferente da experiência humana. Para Jacques Derrida, reduzir a heterogeneidade que abrange as espécies e categorizar todas as formas de vida não humana como “animal” é não só um pecado contra o pensamento rigoroso, a lucidez, mas também um crime contra os animais.

Dentre as múltiplas perspectivas e abordagens que o tema oferece, propomos traçar um panorama heterogêneo das pesquisas acerca das relações entre humanos e demais seres viventes (ou não), a partir de uma perspectiva dos estudos voltados para os animais. As entrevistas, resenhas e artigos apresentados neste número foram elaborados por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e convidam o leitor a: compreender o panorama do “não humano” partindo de reflexões sobre a negação da animalidade; projetar, ou especular, existências animais a partir de práticas estéticas; experimentar métodos e estratégias de integração do animal não humano no processo de design. Ao reunir esse conjunto de ideias, propomos delinear novos caminhos para a construção de um pensamento crítico e de possibilidades para o desenvolvimento de projetos nos campos das artes, filosofia, sociologia e do design que não estejam restritos aos moldes excessivamente antropocêntricos perpetuados ao longo da história.

Com a eclosão da pandemia de Covid-19, em 2020, que determina medidas de isolamento e restrições de circulação em uma escala global, é explicitado um desequilíbrio nas associações entre ser humano e natureza. Ainda que haja divergências entre os cientistas quanto à natureza do vírus, as reflexões sobre o comportamento desse micro-organismo e a catástrofe sanitária que decorre pela propagação do novo coronavírus (SARS-CoV-2) perpassam alguns dos ensaios que integram esta edição. É o caso de “Semiose do Vírus”, texto que decorre do diálogo entre Winfried Nöth e o biossemiotista Kalevi Kull, da Universidade de Tartu, Estônia. Kull nos lembra que as divergências entre pesquisadores no que diz respeito à condição do vírus, enquanto ser vivo, se dão “não apenas porque não sabemos o que são os vírus, mas também porque não está claro – ou melhor, porque não existe consenso sobre – o que é vida”. Em sua abordagem, o pesquisador faz uma leitura semiótica bastante particular do processo de evolução dessas “pequenas criaturas” e propõe transpor o conceito de semiose como alternativa para uma análise mais abrangente.

Em entrevista realizada por Fabricio Fava, Clara Mancini pontua que a Covid-19 deflagra um modelo desigual das relações ao qual temos submetido os animais por séculos. Professora de Design de Interação e fundadora do Laboratório de Interação Animal-Computador da *The Open University*, Mancini fala sobre o impacto que um evento disruptivo como a pandemia pode ter na maneira como apreendemos o mundo, e como isso pode contribuir para uma revisão de um enfoque antropocêntrico que conduz a disciplina de Design e reflete nos projetos de Interação Animal-Computador. A pesquisadora também discorre a respeito da metodologia para o desenvolvimento de trabalhos que considerem a participação de animais não humanos em seu processo, bem como sobre alguns dos projetos que têm sido desenvolvidos pelos integrantes do laboratório o qual lidera.

Intitulado “Zoomorfoses: horizontes da vida e da imagem na era dos algoritmos”, o artigo de Ariane Alves e Rodrigo Petronio explora como uma domesticação da natureza pode ser lida a partir dos conceitos de *zoé* (vida indeterminada e infinita) e *bíos* (vida determinada), e da constatação do esforço humano em determinar o indeterminado. Nesse sentido, dado um caráter transgressor das artes, que não se limitam a conceitos e normas específicos, são apresentados trabalhos desenvolvidos por artistas contemporâneos que deturpam modalidades prévias de organização e espelham modelos para além do humano.

A animalidade inerente ao sujeito foi reiteradamente recalcada em prol de um modelo de dominação do meio. A desumanização dos demais seres e de um outro cultural, acompanhada por sua animalização e objetivação, percorre todo o pensamento ocidental. Nesse processo, os seres que porventura não partilhassem das mesmas características e/ou valores presentes nos grupos dominantes tiveram sua subjetividade e a sua existência sistematicamente negadas. No artigo “Preâmbulo para uma virada do não humano no século XXI: uma leitura a partir de Foucault”, Clayton Policarpo recupera uma história da teoria crítica ao antropocentrismo, pautada pelo pensamento foucaultiano, a partir de três momentos: uma morte do homem, identificável na produção intelectual da década de 1960; o advento do pós-humano na comunicação e na cultura, entre 1980 e 1990; e a chamada virada do não humano, na primeira década do século XXI.

Em “Crip teleportation: the animal that therefore I am – or I am not”, Francisco B. Trento versa a respeito de uma desumanização e uma super-humanização que recaem sobre os corpos portadores de deficiên-

cia, em específico as deficiências invisíveis, como o espectro da neurodiversidade. Em seu artigo, Trento evidencia como um exercício de reconduzir os seres entre categorias de animalidade e humanidade tende a corresponder às demandas específicas de produtividade das sociedades neoliberais.

Mediante a constatação de uma irreversibilidade do modelo de exploração e degradação promulgado pelo humano, tem sido reivindicado o surgimento de uma nova era diante do colapso planetário-civilizacional que nos acomete. Frente a isso, o Antropoceno é difundido entre os pesquisadores interessados em avaliar as fronteiras e os limites do humano. Contudo, a ampla adoção do termo não o exime de inúmeras controvérsias, tampouco lhe garante unanimidade entre os pesquisadores das áreas que percorre. Em “Bioceno: as revoluções da vida e a nova era dos algoritmos”, Rodrigo Petronio explora o neologismo “bioceno”, como uma terminologia alternativa para uma nova reconfiguração das relações entre humano e meio. Tomando como base os estudos desenvolvidos por Vikram Shyam, Petronio propõe suprimir eventuais lacunas e equívocos na aplicação do Antropoceno, ao mesmo tempo em que busca integrar diferentes linhas conceituais na formulação de uma concepção relacionista-conexionista dos seres vivos.

Dada uma interdisciplinaridade imanente ao campo das artes, as práticas artísticas se configuram como uma área propícia para investigações interessadas em reavaliar as relações estabelecidas entre humanos e animais. Já na literatura do século XIX é possível observar um perspectivismo, que intenta traduzir o ponto de vista de personagens de outras estirpes. No contexto estadunidense, autores como Ralph Emerson, Henry Thoreau, Herman Melville, Emily Dickinson e Walt Whitman exploram questões relativas à existência humana sob o olhar atento dos animais não humanos. Esse modelo de protagonismo perdura no período subsequente como uma alternativa para traduzir uma animalidade sufocada e exercitar um senso de empatia interespecie. Em *A metamorfose*, de Franz Kafka, publicado pela primeira vez em 1915, diante das figuras demasiado humanas do lar e da família edípica, o personagem se refugia nos territórios existenciais do animal. Poucos anos depois, Kafka publica o conto *Um relatório para uma academia*, 1917, um monólogo narrado por Pedro Vermelho, um macaco que, após um período de adestramento, foi “hominizado”, alcançando a cultura de um cidadão europeu. O limiar entre humanidade e animalidade é também explorado pelo brasileiro Graciliano Ramos em seu romance *Vidas Secas*, 1938. A pobreza e as dificulda-

des de vida enfrentadas por uma família de migrantes os transforma em “bichos”, em contrapartida, Baleia, a cachorra de estimação, tem sonhos e se comunica de maneira mais eficaz que as pessoas: é a personagem que mais se aproximaria de uma definição de humano no livro.

Assim como na literatura, as narrativas ficcionais do cinema constroem um ideário animalesco que é complementar e diverge do sujeito humano. No artigo “O último olhar de King Kong: antropocentrismo e tecnociências”, Adriano Messias resgata um imaginário cinematográfico que destaca o animal não humano – exemplificado nos símios, nos animais monstruosos, nos seres híbridos –, de forma que é capaz conduzir-nos por um território de autorreflexões.

Em “Quando as mecânicas de jogo emergem das colônias de formigas”, Michelle Westerlaken defende a ludicidade como um atributo comum entre humanos e animais. A autora sugere dois caminhos possíveis para se pensar a participação dos animais no desenvolvimento de uma mecânica do jogo: o animal como parte do *sistema* e o animal como *jogador*. Westerlaken enumera uma série de experiências que utilizam estímulos provindos de animais como parte do design, como introdução para um projeto de pesquisa que explora a interação com formigas na criação de um jogo protagonizado pelos insetos. As etapas de desenvolvimento e intercorrências no processo são detalhadas no decorrer do artigo.

Em “SARS-CoV-2: um ensaio de semiobiônica computacional”, Carlos Eduardo Pires de Camargo toma como ponto de partida o ciclo do novo coronavírus para apresentar uma semiobiônica computacional, que reúne elementos da biônica clássica e da semiótica de Charles Sanders Peirce. O objeto da proposta de Camargo é a criação de modelos que possam ser utilizados na elaboração de dispositivos ou técnicas de simulação.

A seção “Extra dossiê” apresenta “What is the semiotic self?”, o segundo texto da série de quatro diálogos entre Vincent Colapietro e Winfried Nöth; abordando o tema da semiótica cognitiva, os vídeos foram transcritos, comentados e complementados com referências.

A edição 22 da TECCOGS também conta com duas resenhas de livros que tratam de temas correlatos. Stephanny Sato Del Pin propõe uma resenha de *Affective Computing*, de Rosalind Picard, publicado em 1997. O texto recupera alguns resumos já realizados sobre o livro, com ênfase nos respectivos pontos destacados pelos autores, de forma a dialogar com as leituras precedentes enquanto que propõe uma contextualização sob o cenário da pandemia de Covid-19. A segunda resenha, realizada por Camila Mangueira, revisita o livro *When species meet*, de Donna Haraway.

Publicada em 2008, essa obra integra a série *Pós-humanidades* editada por Cary Wolfe. Partido das questões “Em quem tocamos quando tocamos em um cachorro?” e “Como esse toque molda nosso mundo multiespécie?” Haraway explora distintos aspectos que interseccionam os encontros entre humanos e outras criaturas.

Com esta edição, esperamos contribuir para a construção de conexões com o mundo não humano a partir de um olhar mais generoso, empático, que possa auxiliar no entendimento das espécies e dos aspectos que compõem as relações interespécie por meio de uma perspectiva ecológica e descentrada do humano.